

SUMÁRIO

LÓGICA

- 13 De um resto que ainda resta: o traço e a lógica
Cláudia Aparecida de Oliveira Leite
- 29 A lógica na formalização do Um do campo do
Uniano
Labibe Geralda Gil Alcon Mendes

PULSÃO E GOZO

- 39 O que se perde no nível da pulsão
Ana Maria Fabrino Favato
- 51 Repetição na clínica: o que de novo se escreve
Crasso Campanha Parente
- 61 O gozo nosso de cada dia
Maria Luiza Bassi
- 73 O corpo no circuito pulsional
Marília Pires Botelho

SEXUAÇÃO

87

Sexuação, gozo e pulsão: o que a clínica psicanalítica tem a nos dizer acerca do gênero na atualidade?

Alexandre Simões

97

Adolescência: do instante de olhar ao momento de concluir

Viviane Gambogi Cardoso

ENLACE

111

Um haicai para a psicanálise

Raul Macedo Ribeiro

CLÍNICA

123

A clínica com a criança
Para que o diagnóstico entre autismo e psicose infantil?

Regina Macêna

141

Normas de publicação

EDITORIAL

Atingimos o quarto ano de edição de nossa revista eletrônica, reiterando assim o nosso compromisso de consolidar os pressupostos teórico-clínicos da obra de Freud.

Atingir tal marca nos traz sensação prazerosa, gratificante e inquietante pela tarefa de promover a descoberta freudiana e sua transmissão, sabendo que ela esbarra na ordem do infinito não-saber, mas que nos desafia a persegui-lo.

Esta publicação sobre “A economia pulsional, o gozo e sua lógica” surgiu da provocação que estes dois significantes, pulsão e gozo, suscitam no psicanalista a partir de sua clínica, e também por apontar para uma relação complexa e paradoxal entre a lógica e a psicanálise. Quando se busca compreender a articulação entre a lógica e a psicanálise, nos deparamos com questões concernentes à prática analítica e à epistemologia. Lacan, a partir da linguagem, estabelece essa relação entre lógica e psicanálise. Freud criou a psicanálise, e Lacan buscou aprimorar sua teoria para situá-la epistemologicamente.

A psicanálise subverte o modo de ver a ética e a política devido ao seu objeto de estudo se referir ao inconsciente. Tanto o conceito de pulsão, cunhado por Freud, quanto o

campo do gozo, demarcado por Lacan, demonstram esse novo modo de pensar a ética, contrária a do bem-estar, a do prazer. Ao ser atravessado pelo significante, o sujeito terá como bem supremo algo que não é prazeroso. A ética freudiana é a do mal fundamental para o qual o homem tende. Lacan, em “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, diz que: “O bem não poderá reinar sobre tudo sem que apareça um excesso, de cujas consequências fatais nos adverte a tragédia” (LACAN, 1959-1960, p. 314). Esse excesso seria o gozo que o sujeito busca em detrimento de seu bem. O gozo fundamenta a ética do mal-estar. A clínica põe isso à mostra através de perguntas como: por que faço isso que me faz sofrer; por que repito tal comportamento que me faz mal? O modo de gozo do sujeito nos diz da satisfação da pulsão e nos remete ao objeto *a*, objeto pulsional cuja estrutura topológica abre para a dimensão do real a ser tratado em análise.

O leitor encontrará nesta edição a possibilidade de aprofundamento do tema e também outras questões sobre a clínica através da contribuição de nossos membros como daqueles analistas de outras instituições.

Alguns fragmentos dos textos sinalizam para a qualidade do conteúdo teórico desta edição:

— Não há, no campo psicanalítico, certeza prévia. Não há, tampouco, teoria alguma capaz de, por si só, assegurar ao analista o seu fazer. O que há são alguns preciosos conceitos norteadores, os quais não podemos perder de vista.

— É, pois, no campo do silêncio e da voz – silêncio e voz tanto do analista quanto do analisante – que se estrutura o cenário onde ambos, cada um a seu modo, com seus respectivos saberes e ignorâncias, realizam seus trabalhos.

— A vivência de um afeto, ou melhor, da angústia é, portanto, sempre um acontecimento de real que se repete. Esse resíduo não apreendido do corpo vem manifestar-se no lugar previsto para a fala de um modo às vezes difícil de situar.

— O gozo afeta nossas vidas a partir da repetição infinitizada que causa enorme sofrimento.

— Lacan, quando nos propõe que o psicanalista deve estar atento à linha do horizonte de seu tempo, para ali localizar a subjetividade de sua época, diz que já não é mais concebível uma psicanálise que não esteja e não seja da polis, sobretudo porque ali, nas contradições da polis, temos o locus do mal-entendido, do dito a mais, do dito a menos, sobretudo, do mal-dito.

— Em “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan, com um novo corte, cria dois novos “corpos”: o corpo dos instintos e o corpo das pulsões. O corpo dos instintos diz respeito à vida biológica, às necessidades indispensáveis para a nossa sobrevivência. O corpo das pulsões não diz respeito à sobrevivência. É um corpo de falta, de querer ou de exigência. Uma

exigência tão forte e avassaladora, que muitas vezes é sentida como uma necessidade.

— A gramática da pulsão nos permite ver sua atividade: o esforço do eu que, sem o significante, tem que impedir que o outro o devore.

— Na perspectiva lacaniana, a repetição é uma tendência a retornar, que orienta o sujeito na busca do objeto, o que revela o movimento da pulsão de morte e uma fixação num gozo demasiado, gozo do Outro, que está fora do simbólico. Nesse circuito, a pulsão, ao repetir, nada escreve.

— Mas a partir da entrada do sujeito em análise, há uma aposta de que algo pode ser mudado e de que, no circuito pulsional, possa ocorrer novas escritas.

— Lacan se utiliza da lógica para caracterizar a sexualidade como sexuação. O passo dado por ele ao abordar a dissimetria das posições sexuais foi de grande importância.

— A posição de semblante que o analista ocupa é a única que permite a ele apreender o gozo nos ditos do analisando.

Nossos agradecimentos a todos que se uniram a nós na construção desta revista.

Boa leitura!

Comissão da Revista

Referência

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

